



Mietek Pemper: o Judeu que ajudou a salvar milhares de Judeus

Priscilla Piccolo Neves¹

“Contra toda a esperança, eu tenho a esperança”

(Pemper, Mietek)

INTRODUÇÃO

A historiadora Márcia Menendes Motta (2012) destaca que segundo Nolte, ao contrário de outras tragédias da humanidade, a experiência nazista havia deixado marcas indeléveis na história alemã e era reiteradamente lembrada como uma história do passado que havia fincado raízes no presente. Na mesma linha, o historiador alemão Hinnerk Bruhns (1990), postula que a construção de uma nova identidade alemã no contexto da reunificação não deveria eliminar a experiência de Auschwitz. Assim, seria legítimo guardar na memória coletiva alguns esforços em prol da democracia nos períodos anteriores ao nazismo, inclusive ressaltando determinadas possibilidades não realizadas desse passado. Mas a verdade é que para este autor aqueles elementos tinham menos importância como parte da identidade alemã “do que os que marcaram o advento e os horrores do nazismo”.

A pequena exposição dos posicionamentos dos historiadores acerca dos horrores do nazismo e, por consequência, das atrocidades cometidas durante a II Guerra Mundial, demonstram a atualidade do tema. Os embates em torno da memória do nazismo e, destacadamente, sobre o holocausto, dividem os historiadores e são responsáveis por uma das mais intensas querelas entre os estudiosos do tema.

Muito já foi produzido sobre o tema. Incontáveis são as obras sobre as estratégias militares, a trajetória pessoal de Hitler, seus aspectos psicológicos que explicariam os horrores do nazismo, além de diversas obras literárias que buscam mostrar o ocorrido através de um viés mais narrativo e sentimentalista. Inúmeros são os museus que buscam manter viva a memória do holocausto e a preservação da identidade judia. Até mesmo um Estado independente foi criado em decorrência do ocorrido com este povo.

¹ Graduada pela Universidade Federal Fluminense em Bacharel e Licenciatura em História e atual aluna do Programa de Pós Graduação História, Ensino e Narrativas da Universidade Estadual do Maranhão, matriculada na disciplina Literatura e Memória, ministrada pelo curso de Pós Graduação em Letras.



Como afirmava Aristóteles A Memória “é um arquivo de imagens (...) um conjunto de imagens mentais das impressões sensuais, com um adicional temporal; trata-se de um conjunto de imagens de coisas do passado” (SELIGMAN-SILVAS, 2008, p. 33). Algumas memórias precisam se manter vivas além do tempo, para isso são construídos lugares de memórias como museus e monumentos. Esses lugares possuem a função de manter viva memórias que não podem nem devem ser esquecidos.

Como diz Eclea Bosi “a memória é a alma da própria alma, ou seja a conservação do espírito pelo espírito” (BOSI, 2003), usar biografias no ensino de história acerca dos temas Nazismo e Segunda Guerra mundial permite uma aproximação maior com o tema escolhido. Através destas obras estão vivas as memórias de sobreviventes de algo que por mais que a humanidade saiba que aconteceu, ainda tem dificuldades em acreditar que tais atos tão violentos puderam ser cometidos por seres humanos contra seres humanos.

Muitos sobreviventes não conseguem falar sobre o que sofreram ou presenciaram ao longo dos anos em que Hitler ficou no poder. Quando conseguiam eram massacrados pela sociedade, sendo muitas vezes chamados de mentirosos, as atrocidades eram algo inimagináveis até então. Era e ainda é, muito difícil para a humanidade aceitar que algo tão monstruoso aconteceu e por isso os sobreviventes dispostos a compartilhar suas memórias precisavam buscar mecanismos convincente de que isto realmente aconteceu.

O Nazismo foi escolhido como tema principal desta pesquisa, pois representa um dos regimes mais importantes da história contemporânea, por ser um desencadeador da Segunda Guerra mundial e principalmente por ser um tema considerado atual pela historiografia. Seu líder Adolf Hitler escreveu um dos livros doutrinários mais importantes da humanidade, que até o presente possui grande influencia na sociedade. Nesta obra, intitulada *Mein Kampf*, ele difundiu uma ideia antissemítica e de pureza racial, que é posta em prática quando assume o poder em 1933.

O presente artigo se propõe a fazer uma breve análise sobre uma das obras literárias mais importantes da história da Segunda Guerra Mundial, a biografia de Mietek Pemper intitulada “A lista de Schindler: a verdadeira história”. O objetivo deste artigo será o de mostrar como era a vida de um judeu que obteve um cargo importante dentro da administração de um campo de concentração, narrando suas memórias antes,



durante e depois da invasão alemã, e por consequência, sua estadia em um campo. Esta obra me possibilitou ter um olhar mais pessoal sobre a barbárie sofrida pelos judeus e neste artigo me proponho a mostrar a importância dessas memórias para um melhor entendimento de um dos maiores genocídios da história da humanidade no século XX. Usando como base as memórias narradas pelo autor, o livro nos transporta para uma dimensão em que os fatos relatados são desumanos, o próprio autor admite que, até em suas recentes palestras, precisava comprovar com documentos e argumentos que o que estava relatando era a mais pura e odiosa verdade.

O AUTOR

O livro retrata a vida de um jovem Judeu que teve sua existência mudada com a invasão alemã a Polônia em 1939. A partir desta data, sua vida sofre um grande sobressalto. Inicialmente é obrigado a se mudar com sua família para um gueto² e a largar as duas faculdades que cursava, direito e economia. Posteriormente é enviado ao campo de trabalhos forçados, Plasków, que mais tarde seria transformado em um campo de concentração. Neste campo, conhece as personificações, segundo ele, de um anjo, Oskar Schindler³, e de um demônio Amon Goth⁴. E finalmente a sua readaptação a liberdade com a derrota e dissolução dos campos de concentração em 1945.

Mietek Pemper é um Judeu nascido em 1920, na Cracóvia, Polônia. Sendo originário de uma família tradicionalmente cracoviana e judia, Mietek dominava o polonês e o hebraico. Em meados de 1939, por necessidade de entender o que estava acontecendo na Polônia com a invasão alemã, aprende alemão como uma forma de se interar e tentar ajudar a população polonesa a lidar com os desdobramentos desta ocupação. Durante sua estadia no campo de Plasków, fora selecionado para realizar um dos trabalhos mais perigosos, o de ser estenógrafo de Amon Goth, então chefe do campo de Plasków. Descreve como usou de sua posição e de como colocou sua vida em

² O gueto era o local para onde os judeus foram enviados após a invasão nazista em 1939. Era considerado um bairro judaico, onde famílias judias foram obrigadas a dividir suas casa com outras pessoas, pois a determinação era de que para cada janela deveria morar quatro pessoas.

³ Oskar Schindler era um famoso empresário alemão nazista, que utilizou sua fábrica para ajudar a garantir a sobrevivência de milhares de judeus. Se infiltrou junto aos principais dirigentes da SS como aliado, para que pudesse ter acesso aos planos de deportação de alguns guetos e para conseguir a regalia de transferir para sua fábrica a quantidade de judeus que julgasse necessária.

⁴ Amon Goth era um alemão nazista chefe do campo de trabalho Plasków, que mais tarde se tornaria campo de concentração. Era um dos assassinos mais cruéis da SS, com sua impetuosidade aterrorizava a vida dos judeus em seu campo, estes nunca sabiam se seriam fuzilados ao cruzarem com Goth.



risco diversas vezes para ajudar outros detentos. Junto com o famoso Oskar Schindler, Mietek Pemper salvou diversos judeus de deportação para os campos de extermínios e de assassinatos a sangue frio, desferidos por Goth.

Após a Segunda Guerra, Mietek ainda ajudou os tribunais de Nuremberg a condenar diversos nazistas com sua enorme fonte de conhecimento de planos secretos, obtida através de documentos confidenciais descobertos por ele enquanto trabalhava para Goth. Até a sua morte em 2011, Mietek dava palestras nas quais narrava suas memórias daquela época, mantendo assim vivas as lembranças de um dos maiores genocídios da humanidade como uma forma de “lembrete”⁵ para que não sejam repetidos.

A OBRA

A obra inicia-se com as lembranças do período de sua infância, passando por sua juventude, já no gueto de Cracóvia, mas, o núcleo principal da narrativa reside nas lembranças acerca dos esforços de Mietek, enquanto estava confinado em Plasków, para impedir a deportação de judeus para o campo de extermínio de Auschwitz e, ao mesmo tempo, evitar o fuzilamento em massa dos detentos, além do próprio risco de que Goth descubra suas tramas e ele próprio acabe sobre a mira de sua arma. Um de seus maiores planos de sobrevivência tem a ajuda do então famoso empresário alemão Oskar Schindler, figura decisiva para a sobrevivência de 1200 judeus.

A obra literária de Mietek Pemper é sustentada pela memória tanto individual quanto coletiva, assim como com por alguns documentos descobertos que reforçam a veracidade dos fatos narrados. Porém, nem assim, podemos entender esta história como verdade absoluta, pois a verdade por si só já é manipulada pela visão de quem a escreve. A literatura como manifestação artística, tem por finalidade recriar a realidade a partir da visão de determinado autor, com base em seus sentimentos, seus pontos de vista e suas técnicas narrativas, os documentos ditos “oficiais” também sofrem interferência da visão de quem os está escrevendo.

⁵ Mietek ressalta a importância de se conhecer profundamente as atrocidades ocorridas nos campos de concentração para que a humanidade não se esqueça dos atos desumanos e não os repita.



A biografia de Mietek Pemper, além de ser uma importante obra literária, é também um corpus documental sobre o relato de sobrevivência a um dos períodos de maior terror do século XX. Em sua produção, as memórias relatam o processo de construção da identidade do povo judaico e de sua luta pela sobrevivência nos campos de concentração.

A narrativa acontece em dois tempos. Em alguns momentos o autor narra os fatos no tempo presente e em outro os narra no tempo passado e no tempo futuro. A obra pode ser ressaltada pela falta de uma linearidade temporal. Mietek não narra suas lembranças seguindo o modelo convencional temporal, ele as relata de acordo com suas lembranças pessoais e através de elementos que as unem de alguma forma. Em diversos momentos o autor retrata acontecimentos no campo misturando dados que só poderia ter acesso após a sua liberação. A precisão das datas ao recordar os fatos é de uma espantosa exatidão. Sua contagem de tempo durante a estadia no campo só é possível graças ao seu acesso aos jornais diários recebidos por Amon Goth.

Para um melhor entendimento, contarei a seguir algumas das passagens mais importantes, selecionadas por mim, que nos permitem entender a importância de se preservar e compartilhar uma memória que ao mesmo tempo é individual e coletiva. De acordo com Pierre Nora:

Tudo o que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história. Tudo o que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória é uma necessidade da história (NORA, 1993, página 14).

ANTES DA INVASÃO ALEMÃ DE 1939

Mietek fora criado de acordo com as costumes judaicos. Desde pequeno, todavia, convivia com pessoas da comunidade cracoviana que não eram judias. Esta convivência lhe assegurou a construção de uma dupla identidade, com a qual lhe possibilitava a convivência com dois tipos de comunidades polonesas. Antes da invasão alemã, Mietek frisa que não sofria discriminação em sua cidade natal por ser judeu, seus amigos de escola o tratavam como seu igual, Tal relação, entretanto, só era construída pelo fato dele dominar a língua polonesa. Os judeus que viviam no campo e que foram



obrigados a migrar para a cidade com a invasão foram muito mais discriminados, pois, não dominavam a língua do país.

Desde sua infância já era fascinado por eventos históricos e sua conexão com a política, além de seu impecável senso de justiça e compaixão pelos menos favorecidos. Um episódio marcante nesta época envolve a lembrança de um rabino chamado Lipschitz que lia em voz alta um livro de prece, Mietek tinha cerca de 10 anos na época e perguntou ao seu pai se o rabino não sabia o livro de cor e seu pai lhe respondeu que o rabino evidentemente sabia metade do livro de cor, mas ele não queria envergonhar ninguém que não soubesse. Por isso, usava o livro para que ninguém que não soubesse se sentisse envergonhado. Esse gesto de sensibilidade o tocou de tal maneira que o narra como um dos primeiros gestos de humanidade presenciado por ele.

Após a escola, consegue permissão especial para cursar duas faculdades diferentes, a do curso de direito e a do curso de economia. Privilégio que será revogado com a invasão alemã. Em 1938 Mietek sofre seu primeiro choque de discriminação, o reitor da universidade aonde estudava direito, ordenou que os estudantes poloneses sentassem obrigatoriamente em determinadas cadeiras. Diante de tal determinação, os alunos se rebelaram e assistiram a aula em pé Logo em seguida, foi decretado que não seria mais permitido assistir as aulas em pé. As “cadeiras judias”, como ficaram chamadas, consolidaram a discriminação aos judeus. Tal fato era uma das tentativas de se introduzir de forma discreta na Polônia as Leis de Nuremberg⁶ criadas na Alemanha em 1935. A implementação das determinações desse conjunto de leis começou a atrair alunos de diferentes instituições que se dirigiam até a universidade para ver seu

⁶ As Leis de Nuremberg foram determinações criadas por Adolf Hitler na Alemanha que posteriormente se expandiu por todo o território do Reich. Através delas foram limitadas os direitos dos judeus e a estes foram negados os direitos como cidadãos. Algumas de suas determinações foram: Destruição de livros judaicos; Retirada da cidadania alemã dos judeus (judeus alemães, com antepassados nascidos e criados naquele país), e os proibiram de se casar ou manter relações sexuais com pessoas de “sangue alemão ou seus descendentes”; Qualquer cristão que tivesse três ou quatro avós judeus era identificado como judeu, independentemente do fato daquela pessoa se considerar judia ou pertencer à comunidade religiosa judaica; Em 1937 e 1938, o governo decidiu empobrecer os judeus, exigindo que registrassem suas propriedades e, em seguida, “arianizando” (colocando-as sob propriedade e administração de não judeus) os estabelecimentos judeus; Os médicos judeus foram proibidos de tratar os não-judeus, e os advogados também foram impedidos de exercerem sua profissão; Como todos os alemães, os judeus eram obrigados a carregar carteiras de identidade, porém, o governo adicionou símbolos especiais a elas: a letra “J” era carimbada em vermelho no seu documento de identificação, e aqueles judeus cujos primeiros nomes não podiam ser facilmente reconhecido como “judeus” tiveram um segundo nome adicionado pelo governo em seus documentos de identificação: “Israel” para homens e “Sara” para mulheres. Desta forma, a polícia podia identificá-los mais facilmente.



cumprimento, transformando em espetáculo público as humilhações sofridas pelos judeus.

Duas frases se destacaram ao longo de sua vida e foram importantes para a formação de sua identidade e renovação de suas esperanças perante a humanidade. A primeira é a de uma igreja luterana que ficava perto de sua casa antes da invasão alemã, “vive em vão aquele que não ajuda ninguém”; a segunda, é a inscrição que se encontrava na parte interna do prédio de administração municipal da cidade de Cracóvia “Aos homens que presidem, não é permitido negligenciar a bravura”. Mietek procura usar estas frases como base para encontrar coragem e esperança para lutar contra as atrocidades sofridas pelos nazistas. foi assim que aprendeu que quem esta em posição especial não pode executar suas funções de um modo meramente mecânico, mas é preciso usar todos os recursos a que dispõe para ajudar a quem precisa.

Segundo Ecléa Bosi (2003), “Do vinculo com o passado se extrai a força para a formação de identidade” e é através de seu passado e de suas crenças que Mietek constrói sua identidade.

Um dos objetos mais importantes para a comunidade judaica é o Torá⁷, durante a invasão alemã, praticamente todos eles foram destruídos. Em 1945, após serem libertados do campo de concentração, Mietek e sua família, conseguem obter uma nova Torá, para eles, este objeto pode ser considerado um dos objetos de memória defendidos por Bosi (2003), pois apesar de não ser o mesmo que fora perdido com a invasão, este objeto lhes trazia a memória de um tempo onde havia a liberdade e a tolerância e ao mesmo tempo lhes relembra o que significou ser um judeu e portar este objeto durante a invasão alemã.

Após a invasão nazista em 1939

Durante a ascensão nazista na Alemanha o povo judaico fora duramente perseguido e assassinado, quando os alemães invadem a Polônia, inicia-se imediatamente uma política contra os judeus poloneses. A disseminação do ódio antissemítico já vinha sendo cultivada e fermentada pela igreja católica logo após a morte do ditador polonês

⁷ Livro sagrado onde contem as determinações e normas a serem seguidas pelo povo judaico.



Józef Pilsudski em 1935, estas propagandas culminaram num crescente nível de repúdio ao povo judeu e a um intenso nacionalismo polonês.

Em 1939 os alemães invadem a Polônia e transformam as cidades de Cracóvia e Varsóvia em área central do governo geral polonês. Um dos marcos de memória de Mietek foi quando se estabeleceu a lei de que a população deveria se inscrever em duas listas onde se intitulavam “alemão do Reich” e “alemão do povo”. Seu antigo professor de Latim se recusou a se inscrever como “alemão do povo” pois não queria perder sua identidade como polonês o que lhe causou grandes problemas, pois fora proibido de dar aulas e sofreu privações extraordinárias. A obrigação de se inscrever nestas listas remete ao fato de que seria uma obrigação renegar suas memórias, sua vida e sua identidade até o presente momento.

Com a ordem de que os judeus poloneses que viviam na Alemanha deveriam retornar a Polônia, desencadeou uma necessidade de funcionários, nas sedes de governo judaico, que dominassem tanto a língua polonesa como a alemã, neste momento Mietek já estava bastante familiarizado com o domínio da língua alemã, e se candidata a um cargo na sede administrativa judia. Sua função inicial era a de prestar assistência aos judeus que emigravam da Alemanha. Durante o desempenho de sua função, recebeu inúmeros conselhos destes deportados para que deixasse a Polônia, pois eles alegavam que Hitler iria para lá, porém Mietek não levou em consideração e assim como outros conhecidos achava que o pânico era exagerado, posteriormente se perguntou e se culpou do por que não deu mais atenção aos emigrantes.

Em 1939 Hans Frank, líder alemão que controlava a Polônia, introduziu o trabalho forçado para a população polonesa, ou seja, todos os poloneses eram obrigados a trabalhar ao bel prazer dos alemães. Os judeus foram os que mais sofreram com estas determinações, pois sofriam batidas policiais para que lhes fosse obrigado cumprir trabalhos braçais. Certa vez Mietek foi abordado na rua e obrigado a carregar móveis do quarto andar de um prédio para um caminhão estacionado na frente do edifício enquanto apanhava. Naquela época não ser era possível ser diferente, o diferenciado era condenado e punido por suas escolhas, não sendo nem concedido o direito de refazê-las. Reforçar e insistir em sua identidade se tornava cada vez mais perigoso e estúpido,



muitos judeus tentaram renegar suas raízes, suas crenças como uma forma de sobreviver ao que estava por vir.

Em meados de 1940 são criados os conselhos judeus, a partir das sedes administrativas já existente, que recebiam ordens da ocupação alemã e tinham o dever de cuidar para que fossem executadas. Em 1941 Mietek consegue autorização para morar no gueto, porém esta permissão não é concedida a sua família. Neste momento Mietek, que manteve seu emprego no agora conselho judeu, executava a função de transcrever as ordens secretas originárias dos principais órgãos de controle da SS⁸, através deste novo papel desempenhado por ele, conseguiu juntar informações e elaborar estratégias para proteger sua família e lhes permitir a permanência nos guetos.

Alguns judeus que eram acusadas de não cumprimento das ordens vindas do Reich, ou que tentavam falsificar seus documentos e eram apanhados pelos membros da SS, eram enviados a Auschwitz, até então conhecido como apenas um campo de concentração, porém com o passar do tempo tanto Mietek, como outros companheiros de trabalho começam a perceber que após um determinado período da chegada do indivíduo neste local, a comunidade judia recebia uma carta lhes alertando sobre seu falecimento de parada cardíaca e que as cinzas poderiam ser retiradas mediante o pagamento de cinco marcos ao reich. Para Mietek, estava cada vez mais claro que este local era um campo de extermínio.

Desde antes de seu envio ao campo de Plasków, Mietek já havia percebido que reunir informações era a maior arma que poderia encontrar para garantir sua sobrevivência e a de seus familiares, e que seu silêncio valia muito. Suas memórias tanto podiam coloca-lo em risco, como poderia ser sua maior arma para lutar. A partir dos feitos obtidos por Mietek, podemos comprovar a importância da memória, esta muitas vezes serve para que aprendamos com os nossos, mas principalmente, com os erros dos outros, e que um indivíduo nunca deve ser subestimado quando sua identidade individual e coletiva é posta em jogo.

⁸ Policia secreta de Adolf Hitler criada com o intuito de ser uma guarda pessoal e cuidar de assuntos internos de todo o território do Reich alemão, sendo seu objetivo principal cuidar das questões antissemitistas.



Mais tarde em 1942 Mietek recebe a função de escrever panfletos de salvo conduto para alguns integrantes da comunidade judaica colarem em suas portas, para que assim não sejam deportados para nenhum campo de concentração ou de extermínio. Isso o ajudou a perceber que a evacuação obrigatória para estes campos estava próxima.

Nos dias 13 e 14 de março de 1943 houve um intenso massacre no gueto, e apenas poucas pessoas conseguiram sobreviver, entre elas estava Mietek, os sobreviventes foram enviados para o campo de Plaszów. O irmão de Mietek era um dos responsáveis por retirar os cadáveres do gueto e levar para o campo. Um dos amigos de Mietek, Izak Stern, pede ajuda a ele e seu irmão Stefan para que conseguissem retirar seu sobrinho que fora contrabandeado para dentro do campo Plaszów e fosse entregue a amigos poloneses que esconderiam o menino.

No campo de concentração Mietek fora obrigado a trabalhar diretamente como escrivão com o lendário Amon Goth, que na época era o chefe do campo e conhecido como um assassino em massa. Sua família também é enviada para campo e usando-se de seu novo posto como funcionário direto de Goth, logo consegue um emprego para o pai de administrador do depósito de comida, assim evitando que fosse morto pelos soldados por causa da deficiência decorrente de um anterior acidente de trabalho.

Um dos maiores traumas presenciados por Mietek durante seu trabalho direto com Goth, eram as sessões de assassinatos repentinos cometidos por ele apenas baseado em seu estado de espírito atual. Em um de seus relatos, ele reconta um episódio de quando fora chamado ao escritório para um ditado e no meio de uma sentença, Goth abre a janela e atira em algumas pessoas, depois voltava a ditar a frase como se nada tivesse acontecido e perguntava a onde haviam parado.

Muito rapidamente Mietek aprendeu que quanto mais agradasse Goth, mais tempo conseguiria garantir sua sobrevivência e não seria devidamente controlado, lhe possibilitando assim conseguir acesso a diversos documentos secretos e juntar o máximo de informações para proteger seu povo no campo.

No final de 1943 ocorre o primeiro contato entre Mietek e Oskar Schindler. Mietek via nele “um homem que nos via sem preconceitos e não nos considerava subumanos”. (PEMPER, 2010 pág. 101) Nesta época os judeus sobreviventes já haviam



a muito desistido de suas identidades coletivas, alguns poucos que se mantinham resistentes procuravam não divulgar suas esperanças e fingiam terem abraçado a nova identidade criada pelos nazistas para eles. Em Plasków já se viam como criaturas renegadas, como seres que não mereciam viver.

Por mais que Mietek se esforce para manter seus relatos os mais fiéis possíveis ao que se lembra da época, muitos são recriados utilizando sua imaginação, pois alguns não estava presente, apenas adquiriu aquela memória através de outros detentos. Durante o julgamento de Amon Goth, a memória precisa e eficaz de Mietek ajudou a condená-lo a uma prisão perpétua. Em seu livro ele reconta torturas sofridas pelos detentos que tentavam contrabandear comida para dentro do campo, além de relatos de traumas vividos por judeus em testemunho nos tribunais de Nuremberg.⁹

Em todo o período de estadia no campo de Plasków, era gerada uma grande incerteza se os detentos sobreviveriam até o final da guerra. Para tempos de desespero, necessita-se de medidas desesperadas, neste caso, Mietek colocava cada vez mais a sua vida em risco ao violar correspondências secretas entre os dirigentes da SS e Amon Goth. Através destas violações, acaba descobrindo que os planos de se dissolverem o campo de Plasków e enviar todos os judeus remanescentes para um campo de extermínio. De posse desta informação, Mietek e Schindler elaboram um perigoso plano para tentar salvar o maior numero de judeus remanescentes no campo, tal episódio ficou conhecido como a Lista de Schindler.

Com o final da segunda guerra mundial, todos os 1.200 judeus que constavam na lista de Schindler foram salvos, muitos puderam depor junto com sobreviventes de outros campos, contra as atrocidades exercidas pelos dirigentes da SS durante a guerra, seus depoimentos foram essenciais para a condenação destes seres abomináveis da sociedade.

Em seu depoimento nos tribunais de Nuremberg, não apenas Goth, mas diversos comandantes gerais se surpreenderem com o leque de informações as quais Mietek teve acesso. Muitos de seus testemunhos foram questionados, pois como poderia um detento

⁹ Os tribunais de Nuremberg foram criados para julgar os crimes dos nazistas ao longo da segunda guerra mundial



judeu ter acesso a tais informações secretas, em contra partida Mietek conseguiu provar através de argumentos e de sua excepcional memória a veracidade dos fatos narrados.

Após o lançamento do famoso filme de Steven Spielberg a Lista de Schindler, em 1993, Mietek passou a receber diversos convites em escolas e universidades para dar palestras sobre o que ocorria nos campos de concentração e como conseguiu sobreviver ao espetáculo de horror ao qual os judeus eram submetidos diariamente por Amon Goth. Suas memórias foram cruciais para preencher lacunas contra principais dirigentes da SS, o cargo exercido por ele na administração de Goth se transformou na maior dádiva que poderia ter recebido durante e depois de sua estadia no campo Plaszów.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em algumas memórias relembradas por Pemper sobre sua infância é possível perceber e reforçar a identidade e a memória coletiva compartilhada pelo povo Judeu de todo o território dominado pelo Reich. Embora suas memórias de campo sejam de apenas um deles, a situação para outros detentos em outros campos, não era muito diferente da presenciada por ele. Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois. Ou seja, a unidade do texto está apenas no atos puros da própria recordação, e não na pessoa do autor, e muito menos na ação.

Muitos judeus até hoje não conseguem relatar o trauma vivido por eles nos campos, algumas das maiores atrocidades simplesmente foram esquecidas pelo seu inconsciente, e aqueles que conseguem tem sua credibilidade questionada, pois o grau de crueldade é enorme e muitas pessoas não conseguem acreditar que algum ser humano é capaz de tais atos. Como diz Mietek “palavras não são suficientes para descrever nosso estado” (PEMPER, 2010, pág 90) e como afirma a teoria de Sligman-Silva (2008) a memória do trauma é sempre uma busca de compromisso entre o trabalho da memória individual e outro construído pela sociedade.

Pode-se dizer que ocorreu a construção de uma memória coletiva e de uma nova identidade compartilhada por todos os sobreviventes do holocausto. Apenas eles são capazes de entender o que sofreram e se apoiarem mutuamente para que haja um



possível recuperação que nem sempre é possível pois segundo Sligman-Silva (2008) “o trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa”.

Os lugares de memórias são essenciais para se manter viva a memória do que aconteceu durante o holocausto, por mais que seja doloroso, não deve ser uma memória esquecida nem banalizada. O monumento ao judeus na praça central de Berlim, serve como um importante lugar homenagem e de rememoração ao fato.

A memória coletiva é uma corrente de pensamento contínuo, de uma comunidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de vive na consciência do grupo que a mantém, as memórias do holocausto estarão vivas para sempre dentro de seus sobreviventes, não importa o tempo que se passe, o trauma sofrido modificou estas pessoas até o ultimo segundo de suas vidas de uma forma irreparável.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: **Obras escolhidas I. Magia técnica, arte e política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987;
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003;
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. In: **Lembra, escrever, esquecer**. São Paulo: Ed 34, 2006;
- MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. In: **org. CARDOSO, Ciro Flamarion; e VAINFAS, Ronaldo. Novos Domínios da História**. Elsevier Editora Ltda. Rio de Janeiro. 2012;
- NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. Proj. História. São Paulo. Dez. 1993;
- PEMPER, Mietek. A Lista de Schindler: A verdadeira história. Geração Editorial. São Paulo. 2010;
- SELIGMAN-SILVAS, Márcio. **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Unicamp, 2003.